

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A PREPOSIÇÃO PARA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ENTRE A INVARIÂNCIA DE FUNCIONAMENTO E A VARIAÇÃO SEMÂNTICA

Paula de Souza Gonçalves
Universidade Estadual Paulista/UNESP
psouzag@yahoo.com.br
ÁREA TEMÁTICA: *Teorías del lenguaje*

Resumo

Nosso trabalho, fundamentado na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli, analisa um conjunto de enunciados do português brasileiro em que se faz presente a preposição PARA, caracterizada como “preposição de discernimento”, de acordo com a Grammaire des prépositions, de J. J. Franckel e D. Paillard (Paris, Editions Ophrys, 2007). Ao longo de nossas análises, buscaremos evidenciar as operações que, constitutivas da natureza semântica de PARA, decorrem das diversas interações suscetíveis de se estabelecer entre essa preposição e os termos (noções) que, de um lado, a antecedem, de outro, são por ela introduzidos.

No âmbito da TOPE, uma preposição não é apreendida como a tradução de um sentido que existiria independentemente do próprio material verbal no qual ela se encontra inserida, o que atesta a impossibilidade de identificá-la, semanticamente, por meio de um sentido básico, de um “conteúdo permanente”, visto ser este necessariamente fruto da inserção discursiva da preposição. A partir dessa hipótese, ilustrada por diferentes enunciados, mostraremos ser possível propor uma definição semântica unitária (dinâmica invariante ou forma esquemática) de PARA sustentada por esquemas operatórios que se manifestam no conjunto de seus empregos, independentemente de considerações de natureza gramatical que concebem os sintagmas preposicionais como partes de processos de complementação, adjunção ou outros.

Com uma metodologia sistemática de paráfrases e glosas, pudemos formalizar uma dinâmica invariante que seria constitutiva da função exercida pela preposição PARA no âmbito das construções por ela integradas. Essa invariante seria uma forma definidora da variação. Assim, em poucas palavras, em relação ao funcionamento desta preposição, sustentamos a hipótese de que, dado um enunciado do tipo X PARA Y, PARA marca que Y constitui um modo de apreensão (não definitivo) de X, considerando Xy do ponto de vista de uma categorização que é externa ao que é intrinsecamente constitutivo de X.

Palavras chave: Preposição – Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas – Português brasileiro.

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o estatuto léxico-gramatical da preposição *para* no português brasileiro tomando como base teórica a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli.

Esta teoria propõe o estudo das operações de linguagem por meio das línguas naturais, ou seja, por meio das marcas de suas operações presentes nos enunciados das línguas naturais¹.

A seguir, apresentamos alguns conceitos teóricos que devem ser introduzidos antes de começarmos a expor nosso exercício de busca da invariância de funcionamento (indeterminação da linguagem) e da variação semântica da preposição “para” no português brasileiro:

Noção

A noção compreende uma forma de representação não linguística, ligada ao estado do conhecimento e a atividade de elaboração de experiências de cada pessoa. Por exemplo, quando pensamos em “mulher” (que não pertence à linguística, mas ao domínio das representações), antes mesmo de mencionar essa palavra num enunciado, temos a representação daquilo que é “mulher”. Essa representação é construída com as propriedades comuns a todos os tipos de mulher (alta, baixa, inteligente, bonita, etc.). Esse conjunto de propriedades é chamado de noção: a noção “mulher” é a propriedade “ser mulher”. A partir da noção de “mulher”, que não pertence à linguística, mas ao domínio das representações, constrói-se um domínio nocional.

¹ Neste trabalho, adotamos o termo « marcas » porque a preposição « para », por exemplo, do ponto de vista do] enfoque teórico aqui adotado, é uma marca de operação de linguagem.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congresso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Enunciado

A partir de um esquema comum - a que chamamos *léxis* - realizam-se operações que resultam no enunciado linguístico. Essas operações sustentam os enunciados podendo ser recuperadas a partir de suas marcas. Em poucas palavras, dentro dos pressupostos teóricos aqui adotados, um enunciado poderia ser definido como uma unidade que representa uma realidade.

O enunciado aparece como um agenciamento, mas as operações linguísticas são tais que um enunciado gera vários outros e várias interpretações. Em outras palavras, a significação de um enunciado, além de seu sentido, provém da acomodação intersubjetiva, ou seja, da *enunciação*.

Determinação

A determinação é um conjunto de operações elementares (extração, flechagem, varredura, localização) que são resultados de operações de quantificação e qualificação possibilitadas pelas características da noção.

As operações de *quantificação*: "extração", "flechagem" e "varredura" consistem em atividades com o objetivo de extrair um em vários elementos de determinada classe ou extrair uma parte de um todo e proporcionar a devida localização dessa noção com relação à situação de enunciação. Isso quer dizer que se falarmos em "A", assinalamos uma ocorrência, isolamos e delimitamos seus limites espaço-temporais. Atribuimos um estado existencial, real ou imaginário à ocorrência de uma noção devidamente situada.

a1) *Extração* - Traz para a existência discursiva uma ocorrência individualizada que não tem nenhuma outra característica distintiva a não ser pelo fato de que foi escolhida dentre outras. Ela permite ao sujeito enunciador isolar um ou mais elementos de uma classe de ocorrências. Essa operação de extração se dá sobre a extensão de um domínio nocional e os elementos isolados são atualizados no discurso.

A "extração" corresponde a separar de uma coleção ou conjunto, um elemento desse conjunto. O exemplo a seguir demonstra essa operação: *Olha! Um gato passou pela janela!* Nessa sequência, *um* marca que uma ocorrência A_i foi extraída do domínio $A_i, A_j \dots A_n = A$ da noção /gato/.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

a2) *Flechagem* - Trata-se de uma retomada por identificação estrita que distingue um elemento, identificando-o consigo mesmo, conferindo um grau de determinação suplementar; tendo como traços de superfície na língua uma série de dêiticos. Vejamos um exemplo: *O gato sentou na janela*. Nesse enunciado, *a* marca que A_j , do domínio nocional $A_i, A_j \dots A_n = A$ da noção /gato/, identifica-se com a ocorrência A_i , anteriormente extraída. Agora não se trata mais de uma ocorrência qualquer de /gato/ que o enunciador introduz em seu enunciado pela primeira vez, mas sim de um gato específico que o enunciador já enunciou anteriormente.

a3) *Varredura* - Essa operação consiste em percorrer todos os valores assinaláveis ao interior de um domínio sem poder se ater a um valor distinguido (exemplo: "todo gato mia", "todo gato tem quatro patas").

Modalidade

Antoine Culioli distingue quatro tipos de modalidade: as modalidades 1 são as da asserção (afirmação ou negação), as da interrogação e as da ênfase. Elas permitem colocar uma fórmula (seja ela afirmativa ou negativa) como válida, isto é, referenciável.

As modalidades 2 são as do necessário ou as do possível, até as da certeza. Podemos dizer que, juntando os dois casos 1 e 2 teremos uma enunciação sobre julgamentos universais (é necessário que...) ou sobre julgamentos localizados (é provável que em certas circunstâncias...).

As modalidades 3 constituem a dimensão apreciativa e centralizam o sujeito enunciator. Por meio dessas modalidades, constroem-se nas línguas todas as distâncias e as avaliações não assumidas pelo enunciator e também todos os julgamentos auto-centrados.

A seguir, faremos a leitura de um enunciado e seu contexto, trabalhando-o com paráfrases e glosas para ilustrar nosso ponto de vista teórico e acima de tudo, tentar colaborar para a reflexão em torno da preposição *para* e seu estatuto híbrido (lexical e gramatical). Trata-se de um enunciado retirado de um site esportivo.

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Leitura de um enunciado

Kjaer: "O futebol alemão não é para mim" ²

Zagueiro falou sobre a passagem frustrada pelo Wolfsburg

Simon Kjaer admitiu que não gostou do futebol da Bundesliga depois de uma campanha fracassada com o Wolfsburg na temporada passada. [...] "O Wolfsburg foi uma grande experiência, mas não foi bom para mim ou para o resto da equipe", disse Kjaer, de acordo com o jornal *Il Corriere dello Sport*. "Na Alemanha tudo é sobre o individual, você tem que confiar em você, ao contrário da Itália onde você tem que confiar em seus companheiros. Não é o meu tipo de futebol (o alemão)". No enunciado:

(1) Kjaer: "O futebol alemão não é para mim"

Como podemos notar, no enunciado 1 "mim" (por ora, B), é colocado em relação com "o futebol alemão" (doravante, A) com a ajuda do relator "para". Podemos perceber que o /futebol/ enquanto "ser algo" pode ser tomado como um simples jogo esportivo disputado por dois times que representam, cada um, uma nação, num primeiro momento (a que chamamos, momento anterior à enunciação – T_0 - em que recuperamos um preconstruído do enunciado em questão) do enunciado, mas, após o trabalho da preposição "para" que, em um sentido muito abstrato provoca uma operação de extração de uma característica da noção /futebol/, ele passa a ter um outro estatuto, adquirido, ou seja, não é compatível com o futebol que "Kjaer" gosta de jogar, não se trata de uma "maneira de jogar" qualquer, mas um maneira individualista que não é compatível com Kjaer. Em um segundo momento do enunciado (T_1), a propriedade extraída da noção /futebol/ lhe é devolvida em caráter necessário para a atualização do enunciado.

² Retirado do site

esportivo :<http://www.goal.com/br/news/3598/alemanha/2011/09/08/2656559/kjaer-o-futebol-alem%C3%A3o-n%C3%A3o-%C3%A9-para-mim>, acesso em 05/10/2011 às 16 :00 hrs.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Percebemos que, por meio das operações dessa preposição em interação com o enunciado, o termo “mim” em 1 passa a atribuir a “futebol alemão” uma característica que até então não lhe pertencia, ou seja, a de ter uma “maneira de jogar” individualista que não é especificamente destinada para o jogador em questão, que prefere trabalhar em equipe. Considerando-se “O futebol” e todo arcabouço semântico que lhe cerca, acrescenta-se uma característica que não é, necessariamente, uma característica de “futebol”, ela passa a lhe pertencer no momento de interação no enunciado entre preposição e seus demais elementos. Além disso, esta característica não é definitiva, não define o futebol alemão ou qualquer outro, mas lhe especifica. Esta maneira de jogar pode ser boa para qualquer outro jogador que goste da maneira individualista de jogar dos alemães.

Por outro lado, B (origem de determinação de A na atualização do enunciado) passa a ser considerado seu único localizador, dentro de uma classe de categorizações possíveis de A, em outras palavras, o futebol alemão pode *ser para Neymar*, um jogador do Brasil que gosta de jogadas individuais; *pode ser para os bons* que não dependem da equipe, etc... Apostamos que esse duplo movimento (de B atribuir propriedades não-definitivas a A e, ao mesmo tempo, passar a ter uma relação única com A porque, nesta situação enunciativa, se existe algo que não é para Kjaer, só pode ser o futebol alemão) que acontece no enunciado é resultado do trabalho da preposição “para” que coloca dois termos e suas respectivas propriedades em relação (além, é claro, de todo o contexto de esquerda e de direita que lhes cercam). Dessa observação e de outras que se seguirão, perceberemos que “para” não contribui para fixar a referência da palavra, ou seja, ela não tem um valor determinativo e sim, um **valor referencial**.

Se extrairmos a marca “para” do enunciado e a parafrasearmos, chegaremos ao enunciado 1a, em que conseguimos recuperar de 1 que o jogador já teve outras experiências em futebol e, pelo contexto apresentado acima, podemos perceber que futebol alemão, com suas características, não é o seu preferido:

(1a) Kjaer teve outras experiências em futebol (como no futebol italiano, por exemplo) e pensa que a maneira individualista de jogar dos alemães não foi uma boa experiência para ele.

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

No enunciado 1a, recuperamos o preconstituído de 1 (de que Kjaer teve outras experiências) que acessamos a partir de um momento anterior ao da enunciação T_0 e trabalhamos as modalidades 1, da asserção, e 3 (modalidade apreciativa). Além disso, inserimos uma modulação temporal. Neste caso, A (“O futebol alemão”) é considerado inadequado a B (“mim/Kjaer”) que, segundo o contexto apresentado, não gosta de jogar individualmente, preferindo jogar confiando em seus companheiros. Ao mesmo tempo, percebemos que “mim” passa a ser o único localizador de A por manter com este uma relação virtual dentro do enunciado. Podemos dizer que sem a marca, não há estabilização da noção /futebol/, já com o uso da marca, apesar de haverem outras propriedades para instanciar /futebol/, esta noção é instanciada.

Para deixar mais clara a relação única e decisiva de B em relação a A, bastaria mudarmos um pouco o contexto de 1a e mudar também o B desta relação: O futebol alemão com sua característica individualista é bom para aqueles jogadores que confiam mais em seu trabalho do que no trabalho de seus colegas (1b).

(1b) O futebol alemão é para aqueles que preferem confiar em si a confiar em seus companheiros.

Dessa maneira, fica clara a necessidade que a marca “para” tem dos outros componentes do enunciado, revelando que o efeito causado no enunciado não se trata apenas de algo inerente à preposição, mas de um jogo enunciativo que leva em conta os contextos de esquerda e de direita, isso para não falarmos dos conhecimentos extralinguísticos, pois sabemos que o futebol alemão ganhou três campeonatos mundiais, o que faz dele muito bom, mesmo optando por jogadas mais individualistas de seus jogadores.

(1c) Se Kjaer tivesse tido uma temporada boa (de jogos) na Alemanha, ele consideraria o futebol alemão compatível sim com a sua forma de jogar!

Em 1c trabalhamos o apagamento da marca “para” e criamos uma situação hipotética com o intuito de entender o seu funcionamento no enunciado 1. Em 1c (em que trabalhamos a modalidade 1, da ênfase), recuperamos que Kjaer não se considera

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

um jogador adequado ao futebol da Alemanha pelo fato de não ter conseguido lidar com o individualismo característico deste e ter fracassado em sua atuação. Podemos perceber, dessa maneira, que a propriedade do futebol alemão de “não ser compatível com a maneira de jogar de Kjaer” é uma propriedade que não lhe é intrínseca, uma vez que se o jogador tivesse ido bem em sua temporada na Alemanha, ele, certamente, diria que o futebol alemão era para ele. Dessa maneira, podemos perceber que o funcionamento da marca “para”, ao atribuir uma característica B a A é caracterizado como atribuindo uma característica momentânea e completamente dependente do contexto.

Como percebermos em 1d, quando fazemos uma alteração em A (aquilo que precede a preposição), B não se altera, uma vez que este é tomado como um localizador estável.

(1d) Kjaer considera que o futebol italiano é mais compatível com sua maneira mais coletiva de jogar, então, podemos dizer que o futebol italiano é para ele.

Em 1d, por meio do trabalho com a modalidade da asserção afirmativa e apreciativa do sujeito e da flechagem de “o futebol italiano”, comprovamos que a marca “para” não atribui propriedades definitivas ao termo que a antecede, pois, como podemos perceber, o “futebol italiano” só passa a ser compatível com Kjaer quando retomamos os pressupostos de “o futebol italiano” e percebemos que ele possui uma característica que agrada Kjaer. Em outras palavras, é o jogo dos dados linguísticos e extralinguísticos em associação com o contexto e a situação enunciativa que vão permitir à preposição “para” atribuir uma característica ao futebol italiano, de ser compatível com o modo de trabalhar de Kjaer.

Por outro lado, se fazemos uma alteração em B, alteramos a noção de A:

(1e) Vários tipos de futebol (inclusive o alemão) podem ser bons para vários jogadores, menos para Kjaer, uma vez que ele prefere a maneira coletiva de jogar do futebol italiano.

No enunciado 1e, trabalhamos a noção do termo correspondente a A, podendo perceber que no momento anterior à enunciação percorremos todas as ocorrências de futebol que é tido em sua noção mesma de /um jogo esportivo disputado por dois

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

times, com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola dentro do gol defendido pelo adversário/ (interior do domínio /futebol/ em oposição ao exterior do domínio /tudo aquilo que não é futebol/), o país em que o futebol é jogado, pouco importa para a noção de “futebol” no momento anterior à enunciação. Mas, no momento da enunciação, enxergamos esse futebol de um ponto de vista específico, o futebol que é jogado na Alemanha, que apesar de ser igual aos outros em termos gerais³, tem a característica de não agradar a Kjaer por ser individualista (aquilo que não é exatamente /futebol/, mas um futebol em que o jogador – apesar de jogar em uma equipe – deve confiar mais em si do que em seus companheiros, o que não é compatível com a maneira de jogar de Kjaer). Para finalizar nossas considerações a respeito da marca *para* no enunciado (1) e nos enunciados construídos a partir dele, podemos dizer que há um predomínio tanto de características lexicais da marca *para* quanto de características “gramaticais”, uma vez que ela atua como um relator que contribui para o processo de referenciação do enunciado.

Algumas conclusões

É bem divulgada a ideia de que a preposição é um item relacional, não dotado de valor lexical e que só recebe um sentido no contexto em que é empregada. Como pudemos perceber ao longo de nosso trabalho, tal concepção a respeito das preposições (e aqui falamos da preposição “para”, em particular) é um pouco equivocada, pois não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, adjetivo, entre outros, sempre haverá uma explicação e até uma motivação para seu uso. Acreditamos que, muitas vezes, não prestamos atenção às razões pelas quais escolhemos uma ou outra preposição.

Uma outra ideia bem divulgada é a de que a preposição seria apenas um elemento funcional, mas, como sabemos, existe diferença em casos como *Ele foi para*

³ Isso pode ser percebido pela operação de varredura « ser bom – no sentido de compatível - para vários jogadores » em que se percorre todos os valores possíveis da noção /futebol/.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

casa e *Ele foi à casa*, neste caso, como contentarmo-nos com apenas uma preposição se os efeitos de sentido produzidos por cada uma são diferentes? Neste ponto já podemos dizer que é falsa a ideia de que a preposição seria um instrumento gramatical vazio de sentido, embora também não acreditemos que ela possua um sentido (dada nossa concepção de indeterminação da linguagem). Acreditamos que a preposição possui uma essência, um esquema de funcionamento que agrega propriedades tanto lexicais quanto gramaticais na sua atualização no enunciado.

Por fim, para que todas essas questões acima citadas sejam sanadas, é necessário que a preposição seja estudada levando em consideração seus aspectos tanto lexicais quanto gramaticais articulados, o que é indissociável de uma concepção da linguagem como indeterminada. Em conclusão, podemos afirmar que a busca das características intrínsecas das preposições não deve ser ignorada, pois, percebemos ao longo desse trabalho, o papel específico que a preposição *para* desempenha dentro do enunciado, contribuindo para o entendimento das operações de linguagem que, em funcionamento, não diferem léxico e gramática.

Referências bibliográficas

CULIOLI, Antoine. 1999. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*, Tomo II, Paris, Ophrys.

_____. 2000. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*, Tomo I, Paris, Ophrys.

REZENDE, Letícia Marcondes. 2000. *Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais*, Tese de Livre Docência, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. Inédita.